

MAÇONARIA – PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

Eleutério Nicolau da Conceição

PRELIMINARES

Até meados do século passado as informações sobre Maçonaria eram restritas aos iniciados, existindo raras publicações disponíveis no mercado editorial. Hoje esse quadro sofreu radical transformação, sendo possível se encontrar informações sobre Maçonaria em diversos meios, como livros, revistas e na internet. Muitas dessas informações são contraditórias, fantasiosas, produzindo imagens que vão ampliar o já extenso folclore existente sobre a instituição maçônica. Mesmo entre maçons circulam ideias, conceitos e supostos dados históricos, que não resistem a um exame mais acurado, mas, ainda assim, são continuamente repetidas e acabam sendo reunidos em um conjunto de “conhecimentos aceitos” sobre maçonaria que, contudo, não expressam a realidade. Essas ideias precisam do acréscimo de uma frase curta e enfática: “Não é bem assim.” No desenvolvimento de nosso tema central, abordaremos algumas desses aspectos. Iniciaremos nossa apresentação do tema com um breve resumo histórico.

RESUMO HISTÓRICO

Os historiadores que buscam traçar a história da Maçonaria fundamentados nos vestígios existentes em diferentes documentos conhecidos, são unânimes em indicar que suas raízes se mesclam com as guildas de construtores medievais. As organizações que se dedicavam à arte/tarefa de construção na Europa no período medieval estenderam sua atuação através dos séculos e, com as transformações ocorridas no meio sociocultural, foram gradativamente sendo desativadas em diferentes países, tendo suas últimas manifestações alcançado o início do século XVIII. Eram componentes das Guildas ou Corporações, responsáveis pela organização do trabalho, bem como do ensino operativo nas diferentes profissões. Contratavam obras, zelavam pela qualidade dos serviços prestados e também proporcionavam certo tipo de atendimento social a seus filiados. Construíam catedrais, abadias, castelos e monumentos. Nesse período, “Loja” era um barracão ou um simples cercado onde, segundo as orientações do Mestre e dos “Wardens” (vigilantes), se preparavam as pedras brutas vindas das pedreiras bem como ornamentos e esculturas. Nesse espaço realizavam-se também as iniciações – a maneira particular de admitir novos obreiros, em geral calcadas em cerimônias religiosas adaptadas à profissão. Existiam duas categorias de maçons, os novatos, chamados Aprendizizes, e os veteranos, chamados Companheiros. Dentre os Companheiros, o mais habilitado dirigia os trabalhos, como Mestre da Loja. Mestre não era grau, apenas função. Um companheiro que se considerasse preparado poderia apresentar sua requisição à junta dirigente da guilda para que examinasse suas habilidades. Se aprovado, ganharia o título de Mestre, o que implicava em autorização para abrir sua própria oficina, começar a contratar obras e iniciar aprendizizes. A junta dirigente definia o número máximo

de mestres em cada região em função do número de habitantes, para que a oferta de mão de obra não superasse a procura.

Na Escócia e Inglaterra essa organização começou a sofrer mutações. Começou-se a admitir nas lojas homens que nada tinham com a arte de construir, recebidos como maçons honorários, chamados “maçons aceitos”. Como era título honorífico, esses homens não trabalhavam como operários, aprendizes, mas eram iniciados diretamente como companheiros. Podiam frequentar as reuniões de loja que definiam as características do trabalho a realizar e foram trazendo novas ideias, novas interpretações aos antigos símbolos dos construtores.

No início do século XVIII, esse tipo de organização já tinha sido extinto na maioria dos países europeus. Em Londres entre as poucas lojas que subsistiam, havia quatro, compostas quase que exclusivamente por maçons aceitos, que viam com preocupação e lamento a decadência das corporações e a conseqüente perda das tradições dos construtores operativos. Os filiados a essas lojas tomaram uma decisão histórica: criariam um organismo coordenador com objetivo de preservar essa tradição que se perdia: a “Grande Loja de Londres e Westminster”. Essas lojas não tinham título distintivo, eram conhecidas pelo local onde se reuniam, em geral salões, porões ou adegas de tabernas. Assim, em 24 de junho de 1717, na taberna “Ao Ganso e a Grelha (At The goose and The Gridiron), reuniu-se a loja que tinha esse local como ponto de reunião, com as três outras vindas das tabernas “A Macieira” (The Apple Tree Tavern), “Coroa” (The Crown) e “O Copo e as Uvas”(The Rummer and The Grapes). Elegeram Antony Sayer como Grão Mestre e definiram o restabelecimento de reuniões trimestrais.

A nova instituição que se formava a partir do substrato dos maçons operativos logo se expandiu. Em setembro de 1720, quando foi dado a James Anderson a incumbência de reunir as tradições documentais maçônicas em uma única obra, a organização contava já com 16 lojas, e em 27 de dezembro do ano seguinte, Anderson apresenta sua obra para exame por representantes de 24 lojas.

De Londres a novidade se espalhou por toda Europa, com a criação de Grandes Lojas em vários países: Grande Loja da Irlanda – 1725; Grande Oriente da França – 1733; Grande Loja da Escócia – 1736; Grande Loja da França- 1738, alcançando toda a Europa, espalhando-se depois para as Américas e outros continentes. Um jornal francês de 1737 nos da conta do impacto da novidade:

“Em maio de 1737, Barbier, advogado no Parlamento de Paris, que dirigia o seu jornal segundo a moda, sublinhava na sua Chronique de la Régence et du Règne de Louis XIV: Os nossos senhores da corte inventaram recentemente uma ordem chamada Pedreiros Livres, imitando a Inglaterra, onde existem diversas ordens particulares, e nós não tardamos a imitar essas impertinências do estrangeiro. Nesta ordem estavam inscritos alguns dos nossos secretários de Estado e muitos duques e fidalgos. Nada se sabe sobre os estatutos, regras e objetivo dessa nova ordem. Eles

*reúnem-se, recebem os novos cavaleiros, e a primeira regra é um segredo inviolável relativamente a tudo o que nela se passa. Como tais assembleias secretas são perigosas para o Estado, dado que são integradas por fidalgos e sobretudo nas circunstâncias relacionadas com a mudança do ministério, o senhor Cardeal Fleury entendeu ser seu dever eliminar esta ordem de cavalaria à nascença e proibiu a todos esses senhores de se reunir e de organizar tais assembleias.*¹

A nova instituição não surgiu pronta, completa. A princípio tratavam-se ainda das tradições operativas, embora não mais exercendo atividades de construção. Na página 26 de sua obra, “As Constituições”, Anderson registra o que se entendia por “Maçom” em sua época:

“ Não se deve esquecer que os Pintores, igualmente, assim como os Escultores, foram sempre considerados bons Maçons, como o foram os construtores, Talhadores de pedras, os Pedreiros, os Carpinteiros, os Marceneiros, os Tapeceiros ou os Fabricantes de tendas, da mesma forma que um grande número de outros artesãos que se poderia indicar, e que trabalhavam segundo a geometria e as regras da Construção”. (grifo meu)

A Maçonaria passava por uma época de transição. Não mais uma guilda de construtores operativos, porém ainda não tinha definido princípios, objetivos e atuação que conhecemos hoje.

Em 1725 surge o grau de Mestre Maçom. Nos anos que se seguiram, princípios, normas, ritos, rituais, graus e foram sendo criados e desenvolvidos gradativamente. Na medida em que a Maçonaria se estabelecia em diferentes países, a maneira de desenvolver as reuniões foi adquirindo características particulares, dando origem aos diferentes ritos, e nova interpretação se foi definindo. É comum cometer-se o equívoco de olhar para esse período do passado projetando nele o que a maçonaria se tornou no presente. Essa atitude distorce a realidade histórica e leva a conclusões erradas.

O maçom antigo, operativo, desbastava a pedra bruta vinda das pedreiras e com elas construía catedrais; o novo maçom visava mais longe e mais alto: ele mesmo era a pedra, a princípio bruta, que precisava ser desbastada e polida para ser inserida no edifício social. Assim como o antigo maçom construía catedrais, o novo maçom se propunha contribuir na construção da sociedade humana.

Rituais foram escritos e construíram-se edifícios destinados especificamente às reuniões maçônicas - os Templos. Para sua arquitetura foram sendo transportados elementos simbólicos adotados por diferentes ritos. Com o surgimento de diferentes graus, tamanho, forma, decoração e cor dos aventais foram normatizados, até se alcançar as diferentes configurações existentes no presente. Para o desenvolvimento dos novos graus se buscou inspiração

¹ Jacques Ploncard D’Assac, , *O Segredo da Maçonaria*, Actic/Tipave, Aveiro, 1984, p. 27.

em pensadores e instituições do passado, agregando-se aos instrumentos dos operativos, símbolos e conceitos de antigas filosofias e escolas de pensamento.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Imersa no meio sócio/cultural que via surgir as novas visões de mundo trazidas pelas descobertas científicas e pelas propostas filosóficas dos iluministas, a maçonaria assimilou e adaptou princípios e conceitos para veicular seus objetivos. Podemos listar três princípios como fundamentais:

O primeiro, a prática da fraternidade. O sonho de consonâncias utópicas, de um dia motivar os homens a utilizar como base para as decisões, princípio maior e primeiro, a fraternidade, com fundamento na condição humana comum a todos, antes de divisões promovidas por diferentes religiões ou partidos políticos. Em segundo lugar, a liberdade de pensar e expressar o pensamento, princípio desenvolvido alegoricamente em diferentes graus; e em terceiro, a liberdade de culto. No século anterior ao surgimento das Grandes Lojas e Grandes Orientes, a Europa viveu ainda guerras com motivação religiosa. Católicos matavam protestantes acusando-os de Hereges; protestantes matavam católicos acusando-os de ídólatras papistas, e todos pretendiam agradar a Deus. No início do século XVIII se tinha alcançado um estado de não beligerância e uma tolerância indefinida sobre o tema. No documento publicado por Anderson existe um título: De Deus e da Religião, que declara:

Um Maçom é obrigado, por dever de ofício, a obedecer a Lei Moral; e se ele compreende corretamente a Arte, nunca será um estúpido ateu nem um libertino irreligioso. Muito embora em tempos antigos os Maçons fossem obrigados em cada país a adotar a religião daquele país ou nação, qualquer que ela fosse, hoje se pensa mais acertado somente obrigá-los a adotar aquela religião com a qual todos os homens concordam, guardando suas opiniões particulares para si próprios, isto é, serem homens bons e leais, ou homens de honra e honestidade, qualquer que seja a denominação ou convicção que os possam distinguir; por isso a Maçonaria se torna um centro da união e um meio de conciliar uma verdadeira amizade entre pessoas que de outra forma permaneceriam em perpétua distância.²

A Maçonaria está aberta à participação de homens de todas as religiões aceitas como tal. Isso significa que um homem iniciado maçom pode continuar praticando fielmente sua religião, sem com isso entrar em qualquer conflito com os ensinamentos maçônicos. Ora, para que isso seja possível, é necessário que a instituição maçônica nunca se alinhe a qualquer escola de pensamento filosófico/religioso, pois se assim o fizesse, conflitaria inevitavelmente com outras das existentes. A “Religião” da Maçonaria resume-se na expressão no texto acima – a

² James Anderson, *As Constituições dos Franco Maçons*, de 1723 Ed. A Fraternidade, São Paulo, 1982, p. 50.

“Religião com a qual todos os homens concordam”: serem homens bons, leais, ou homens de honra e honestidade.

Esse princípio de liberdade de crença já foi alvo de condenação pelo papa Bento IV em 18 de maio de 1751, na bula onde condenava a participação de católicos na Maçonaria:

“ Entre os motivos mais graves de proibição e de condenação enumerados na referida constituição o primeiro é que nas mencionadas associações e conventículos³ convergem homens de todas as seitas e religiões: já se vê quão grande ruína isto pode causar à pureza da fé católica.”

A Maçonaria é neutra em matéria de religião, mas seus membros não o são. Os maçons praticam, livremente, qualquer das religiões existentes. Em uma mesma loja podemos ter católicos, membros de qualquer culto evangélico, espíritas, etc. Estes só devem ter o cuidado de não apresentar os conceitos da religião de sua opção como se fossem doutrinas maçônicas, o que, infelizmente, alguns fazem.

OBJETIVOS

Os objetivos da instituição maçônica estão registrados em documentos oficiais das obediências existentes, bem como no texto dos rituais. Ainda que diferentes organizações e ritos apresentem diferentes formulações literárias, seu conteúdo reflete idêntico pensamento. Existe um texto formal, conhecido por todos, no qual, com perguntas e respostas, se verifica a condição de um Aprendiz Maçom. Em seu desenvolvimento, chega-se à pergunta: **Que vindes fazer aqui?** Cuja resposta esclarece a finalidade da presença do maçom em Loja:

Vencer minhas paixões, Submeter minha vontade,

Fazer novos progressos na Maçonaria,

Estreitando os laços de fraternidade

Que nos unem como verdadeiros irmãos.

Vamos comentar cada uma dessas proposições, que definem as razões que devem nos conduzir aos trabalhos em uma loja maçônica.

“Vencer minhas paixões”. As paixões movimentam enorme energia interior, que nos levam à ação. Já foi dito que paixões são péssimas senhoras, mas ótimas servas. O homem dominado pelas paixões é semelhante a um rio, cujas águas revoltas ultrapassam o limite de suas margens, tudo invadindo, promovendo caos e destruição. As mesmas águas, domadas em uma hidroelétrica, produzem energia que traz luz e vida para muitas cidades. Gêmea dessa ideia é a proposição de “*Submeter minha vontade*”. O princípio em pauta aqui, não é de

³ J.A. F. Benimelli, G. Caprille, V. Alberton, *Maçonaria e Igreja Católica, Ontem Hoje e Amanhã*, Edições Paulinas, 1983, p.28.

submeter nossa vontade pessoal à de outrem, mas refere-se ao outro sentido da verbo “*Submeter*”, entendido como subjugar, dominar, controlar. Assim como ocorre com as paixões, cada maçom deve aprender a subjugar sua vontade, e assim fazer novos progressos na Maçonaria. A proposta é sim autodisciplina, autocontrole, o que parece ir contra a atual filosofia popular, que tende a associar qualquer forma de disciplina com repressão, e como tal, execrada. A maçonaria não se preocupa em legislar detalhando normas de comportamento a serem seguidas por seus filiados, mas enfatiza princípios gerais de comportamento ético, orientados pela ideia da prática da fraternidade. A práxis moderna tem valorizado as manifestações individuais de personalidade, mesmo exacerbadas, como características do Eu, entendendo deverem estas ser exteriorizadas no processo de crescimento pessoal. Contestar, opor-se a normas vigentes, tem sido interpretado como romper grilhões de repressão. Por isso, uma instituição que enfatiza ideais de ordem, autodisciplina, consciência social, valores humanos, cidadania, produz ressonâncias que não se harmonizam inteiramente com a prática vigente, parecendo deslocada no tempo, desatualizada.

Pelo que se pode observar, parece que a ideia orientadora da prática social moderna herdou certo grau dos princípios de Rosseau⁴, do “bom selvagem”, do homem cujo interior é puro e bom, sendo corrompido pelas normas sociais. Defende-se a livre manifestação de conteúdos interiores como se fossem intrinsecamente bons, contrariando o que Freud⁵ já informava a respeito da natureza humana, quando esclarece que o ser humano é espontânea e naturalmente egocêntrico, egoísta, tendendo a buscar seus interesses pessoais como primeiro e mais forte impulso.

O homem comum procura impor sua vontade, segundo suas paixões. O maçom vence suas paixões e submete sua vontade, atuando de modo lúcido e harmônico.

Sempre que ocorrem problemas no âmbito de uma loja, se formos examinar as causas de perto, verificaremos, invariavelmente a inversão do ideal maçônico. Seguindo esse ideal, o maçom assimila e pratica os princípios maçônicos em loja e os leva para a prática no mundo profano. Todas as vezes que esse procedimento é invertido, surgem problemas, isto é, maçons trazem práticas do mundo profano e as utilizam dentro de loja.

Já ouvi comentários de maçons, aludindo à transformação sofrida pelos princípios no momento de sua aplicação. Ora, se os princípios defendidos pela Maçonaria não puderem ser postos em prática na sua integralidade em um âmbito reduzido como uma loja maçônica, como esperar que um dia possam ser assimilados e praticados por toda a sociedade?

Vencer as paixões e submeter a vontade constituem o cerne do processo de desbaste e polimento da Pedra Bruta. Alguém poderia ser iniciado formalmente em todos os graus e ocu-

⁴ Jean-Jacques Rousseau, filósofo, escritor e compositor suíço, mestre maçom, n. 1712 – m. 1778.

⁵ Sigmund Schlomo Freud, neurologista judeu-austríaco, psiquiatra e fundador da escola psicanalista, n. 1856 – m. 1939.

par sequencialmente todos os cargos. Se durante esse processo não dedicar qualquer tempo para aprender, por um pouco que seja, a vencer paixões e submeter a vontade, não terá feito qualquer progresso na maçonaria.

Sendo feito adequadamente, esse processo tem como resultado o estreitamento dos laços de fraternidade.

A maçonaria coloca seu ideal em nível elevadíssimo. Com pequenas variações de termos, os rituais esclarecem o objetivo dos trabalhos maçônicos dizendo⁶:

“E (O vício) é também tudo o que avilta o homem. É o hábito desgraçado que nos arrasta para o mal. Para impormos um freio salutar a essa impetuosa propensão, para elevarmo-nos acima dos vis interesses que atormentam o vulgo profano e acalmarmos o ardor de nossas paixões, é que nos reunimos neste Templo.

E continuam, descrevendo o maçom ideal:

“O que em um profano seria uma qualidade rara, não passa no maçom, do cumprimento elementar de um dever. Toda ocasião que perder de ser útil é uma infidelidade; todo socorro que recusar é perjúrio”.

“Conheceis o Templo simbólico e sabeis perfeitamente que ele não se constrói com pedras e madeiras, porém com virtude, sabedoria, força, prudência, glória e beleza. Enfim, com todos os elementos morais que devem ser o ornamento dos maçons.”

A comparação sincera desse nível ideal de comportamento com a atuação comum, por certo levará a seguinte conclusão: Cada maçom encontra-se a diferentes distâncias do ideal. Mas é natural que seja assim. Os ideais devem estar, necessariamente, em nível superior ao comum, para inspirar e induzir aprimoramento continuado. Ser maçom implica em uma admissão implícita de imperfeição, pois só se busca o que ainda não se alcançou.

Um dos óbices encontrados no processo de auto aperfeiçoamento característico do trabalho maçônico, é a facilidade de se aceitar generalidades e a dificuldade de assimilar particularidades pessoais. Todos concordam facilmente com a máxima que diz: *“Todos tem seus defeitos, e eu também tenho os meus”*. Mas, somos capazes de identificar nossos principais defeitos? Não “Defeitos” genéricos, mas um comportamento específico que precise ser controlado ou eliminado? É possível superar uma deficiência que não seja reconhecida como tal? Somente uma decisão pessoal, consciente, livremente tomada, decorrente da constatação da existência da necessidade de superação de um óbice, poderá levar o indivíduo a tomar o maço e o cinzel e se empenhar na eliminação daquela excrescência.

O trabalho maçônico de “desbaste e polimento da pedra bruta” tem, além da eliminação das deficiências, um aspecto positivo. O princípio do aperfeiçoamento pessoal é muito mais am-

⁶ Ritual de iniciação de Aprendiz Maçom da Grande Loja de Santa Catarina.

plo, profundo e positivo do que uma simples busca de defeitos pessoais a serem extirpados. Cada um deve se questionar a respeito de quais as áreas de sua personalidade, atividade pessoal e profissional, sobre as quais já tenha alcançado maestria, que sejam executadas com pleno domínio e perfeição. Se existirem, essas áreas não poderiam ser alvo de aperfeiçoamento, pois já teriam alcançado seu nível superior, ideal, e não se pode melhorar o que já é perfeito. Entretanto, examinando-se com objetividade, percebe-se que todas as esferas de atuação humana reúnem elementos que comportam melhoramentos. É sempre possível melhorar o que já está bom. Esta é a perspectiva correta, não se trata apenas de eliminar o mau, mas sim, com toda a consciência e diligência, produzir e aperfeiçoar o bom.

Como se sabe, a maçonaria não dispõe de métodos coercitivos, para induzir seus membros a adotarem seus princípios, pelo contrário, ela exige que eles sejam *“livres e de bons costumes”*, e fazendo uso dessa liberdade, trabalhem para seu crescimento pessoal e da sociedade onde estão inseridos. Essa postura, essa disposição de autoexame, despidas do sentimento mórbido do *“mea culpa”*, mas revestidas sim do propósito firme de elevação, de superação de entraves, é o ponto central do conceito maçônico do *“desbaste e polimento da pedra bruta”*. Assim o maçom é livre e de bons costumes, isto é, capaz de reavaliar suas posições sempre que existirem dados indicando essa necessidade, e voltado para o bem, com um propósito inflexível de aprimoramento pessoal.

A vida em sociedade exige, por vezes, sacrifícios de interesses pessoais ao bem comum. Costuma-se reconhecer como evolução quando o bruto que lutava pela sobrevivência pessoal contra tudo e todos passa a direcionar seus esforços visando primeiro à família, depois o clã, a cidade, a nação. Observa-se neste caso o crescimento positivo da esfera de interesse, primitivamente centrada no *eu, meu*, se amplificando para abranger primeiro mulher e filhos, depois parentes, grupo social, político, religioso, até alcançar as fronteiras do país. A proposta maçônica, de ressonância utópica, quer que o interesse fraterno seja estendido com fundamento em realidade comum mais primordial — a condição humana.

O maçom deve ser gerador de ideais positivos, motivadores, impulsionado pela visão progressista de que tudo pode e deve ser aperfeiçoado. Cada atividade, hábito, modo de agir, devem ser examinados com intenção de encontrar métodos e meios para torná-los mais eficazes. Engloba-se aí, certamente, o abandono de práticas e posturas que não contribuam na condução ao alvo desejado, eliminando-se ações divergentes.

O ideal maçônico evolui do singular para o plural: o homem aperfeiçoa a si mesmo. Sua mudança de atitude altera sua vizinhança imediata, área de atuação pessoal e profissional. Esse exemplo, estendendo-se a outros praticantes, atinge de modo transformador as instituições e, em longo prazo, tende a induzir e solidificar alterações benéficas no meio social. Obviamente, inclui-se nessa mudança de atitudes a possibilidade de ações coletivas organizadas visando alvos específicos, na procura do bem maior da coletividade, em contexto eminentemente político, ainda que sem as amarras e vinculações partidárias. Esses aspectos não encontram direcionamento definido no ideário maçônico, mas são deixados à criatividade, capacidade de planejamento e organização dos maçons em atuação em seu contexto social, desvinculados do formalismo ritualístico dos trabalhos de loja.

Como instituição, a Maçonaria tem um objetivo geral. Os rituais do REAA utilizados pelas lojas filiadas à CMSB trazem esses princípios reunidos em uma formulação sintética. Em outras obediências, eles se encontram dispersos em pontos diferentes dos rituais, mas expressam sempre o mesmo conteúdo. Nos rituais citados, na sequência de abertura dos trabalhos da loja de Aprendiz Maçom, o Venerável Mestre pergunta ao Chanceler:

— O que é a Maçonaria, Ir.: Chanceler? E ele responde:

— É uma Instituição que tem por objetivo tornar feliz a humanidade, pelo amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade, pelo respeito a autoridade e a crença de cada um.”

O objetivo institucional da Maçonaria aí expresso é algo colossal : tornar feliz a humanidade! E por quais métodos se propõe nossa instituição a alcançar esse objetivo? Vamos examinar cada uma das ideias propostas.

A instituição maçônica tem um método próprio, que inicia-se no nível individual tendo como finalidade influir no coletivo: toma um indivíduo, como se fora uma pedra bruta, e oferece a ele seus princípios e filosofia, como instrumentos de trabalho com os quais o maçom, num trabalho pessoal elimine suas asperezas e irregularidade e venha como pedra cúbica, polida, ajustar-se perfeitamente ao edifício social, de modo progressista e construtivo. A intenção é fazer com que o aprimoramento pessoal seja refletido necessariamente no melhoramento das instituições. Portanto, o “auto aperfeiçoamento” maçônico tem conotação eminentemente moral e visa um fim social, não-transcendente. Enfatizando, não há qualquer ligação entre o trabalho maçônico e a obtenção da salvação, de um lugar no céu, paraíso ou nirvana.

O principal problema da Instituição deriva do seguinte fato: A maçonaria só admite em seus quadros homens *adultos*. Ora, estudos realizados no campo da psicologia nos dão conta de que a personalidade individual é formada na tenra infância, quando suas linhas básicas são definidas. Todos os que adentram a Maçonaria têm já suas vidas estruturadas, pessoal e profissionalmente. Suas posições no contexto político-social e religioso já estão estabelecidas e seus conceitos prévios, estabelecidos por seu meio familiar, social e educação. *Como poderá então a maçonaria exercer sua influência docente sobre um adulto?* Gibran Khalil Gibran em seu livro *O Profeta*⁷ nos diz que só é possível ensinar a alguém algo que já esteja “*adormecido na aurora de seu entendimento*”. Na verdade, um professor não transfere seus conhecimentos para o aluno; ele simplesmente apresenta dados e o aluno, em seu trabalho de elaboração intelectual vai processando-os até assimilar perfeitamente o conceito exposto. Sem esse trabalho pessoal o aprendizado não ocorre. Assim a questão levantada acima tem como resposta: *Somente se ele o desejar, se estiver disposto a realizar uma reformulação de seus conceitos e referenciais com base nos princípios apresentados.*

⁷Gibran Khalil Gibran, *O Profeta*, Acigi, p. 53.

Por isso o candidato à iniciação precisa ser “livre e de bons costumes”. Como comentamos acima, entende-se essa liberdade como a ausência de vínculos coercitivos de qualquer ordem, em paralelo à disposição de avaliar posições pessoais se tiver dados significativos indicando essa necessidade.

A palavra de ordem da Maçonaria é, como já vimos, a fraternidade e observada do ponto de vista puramente pragmático sua finalidade parece inatingível. Ela propõe a homens já formados, com seus conceitos cristalizados no campo intelectual, social, étnico e religioso, a possibilidade e necessidade de conviverem harmonicamente como irmãos. Somente alguém “livre e de bons costumes” pode olhar objetivamente os óbices de sua formação e decidir empenhar-se em sua superação. Os ensinamentos maçônicos nada impõem, apenas indicam. O maçom, livre e voluntariamente, “sem sofismas ou reserva mental”, deve submeter suas paixões e sua vontade à razão orientada pelos princípios mais elevados da fraternidade, os quais em nada se opõem aos princípios da moral cristã, também compartilhados por tantas outras religiões.

A fala do chanceler, passo a passo nos dá a sequência das ideias do programa maçônico: Tornar feliz a humanidade **pelo amor...**

O idioma grego utiliza três diferentes palavras para expressar os conceitos enfeixados pelo português em uma única: amor. O grego chama “EROS” (ἔρως) ao amor sensual, origem da palavra “erótico” e suas derivadas em português. A segunda é “PHILIA (φιλία), traduzido como “amizade”, que descreve o amor despido do elemento sensual, que une amigos, pais e filhos e uma terceira “AGÁPE” (ἀγάπη), referindo-se a um amor mais profundo e intenso. Os dois primeiros exigem reciprocidade, o terceiro, atua para suprir a necessidade do outro sem esperar retribuição. Quando a primeira carta do apóstolo João, escrita em grego, diz “Deus é amor”⁸, a palavra usada é ἀγάπη: “ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν” (*ho theos agape estin*).

O amor de que fala aqui a maçonaria não é, com toda certeza, *Eros*; mas sim o aspecto *philia*, o amor fraterno, fortemente embebido do *agápe*, o amor/caridade profundo. A fraternidade universal não é uma ideia nova, ou de origem maçônica, mas certamente, se vivenciada, resolveria a maior parte dos grandes conflitos humanos. Assim o princípio da fraternidade é a pedra fundamental, a base em que se apoia toda a instituição maçônica. Alias, é preciso lembrar, os chamados princípios maçônicos são aqueles adotados, subscritos pela maçonaria, não necessariamente formulados por ela.

Continuando em sua fala, o chanceler acrescenta as outras maneiras pelas quais a Maçonaria pretende encaminhar seu objetivo de tornar feliz a humanidade:

“...pelo aperfeiçoamento dos costumes...”

⁸ 1 João 4.8

O maçom deve atuar com firmeza no contexto em que estiver inserido, fazendo valer os princípios elevados da instituição. Cada dia torna-se mais necessário a ênfase nos valores éticos e morais. Temos observado uma desintegração de valores e princípios refletidos não apenas nas ações dos indivíduos que vivem à margem da estrutura social, mas também, o que é estarrecedor, entre aqueles que, oriundos de classes privilegiadas assumem o encargo de governar e dirigir nossas instituições. Os contínuos escândalos que trazem a público o mau uso dos recursos do Estado, utilizados em interesses particulares por aqueles que deveriam ser seus guardiões, a tenebrosa teia de corrupção que se instalou nos interstícios do poder público de modo, ao que parece, irremovível, em todos os escalões, injetam no inconsciente da população um descrédito crescente nos conceitos de justiça e no valor do princípio da autoridade. Quando os próprios guardiões da lei a transgridem com impunidade, os conceitos de civismo e respeito à pátria com seus símbolos passam a ser encarados com um sorriso sarcástico no canto dos lábios. Por isso, dentro desse quadro soturno, torna-se mais premente a atuação de homens que visem um ponto mais longe do que seus próprios interesses pessoais, que estejam dispostos a se manterem firmes em seus princípios; que seu **sim** ou **não** sejam orientados por uma convicção do que é certo ou errado, por um sentido ético definido e não por uma conveniência pessoal e egoísta. Por todas essas razões, esse é um tempo que anseia pelo aperfeiçoamento dos costumes preconizado pela instituição maçônica.

E continua o chanceler: “...**pela tolerância**...” É o princípio da tolerância que torna possível a homens de partidos políticos e religiões diferentes conviverem fraternalmente, em respeito e consideração mútuos, contribuindo para um ideal comum. Contudo, esse princípio tem necessariamente seus limites. Casos há em que a excessiva tolerância aproxima-se perigosamente da fronteira da cumplicidade. Também não podemos utilizar o princípio da tolerância como justificativa para a omissão, compactuando pelo imobilismo com erros crescentes. Por isso a aplicação desse conceito exige um apurado senso de discernimento e um alto grau de sabedoria.

...**pela igualdade**... Apesar de diferenças de religião, formação intelectual, social, de origem étnica, etc., os maçons têm em comum a instituição a que pertencem. Mas todos compartilham com os outros membros da raça humana de uma igualdade mais essencial: temos as mesmas fragilidades, somos vulneráveis aos mesmos vícios e os eventos que nos causam prazer, dor ou alegria são semelhantes. É dessa igualdade em humanidade que decorre a igualdade de direitos, um dos pilares do triângulo maçônico: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. A maçonaria não prega a homogeneização, a massificação, mas sim valoriza a igualdade na diversidade, paradoxo que se harmoniza no pavimento de mosaico dos templos maçônicos. Esta é a igualdade que deve ser buscada.

Termina o chanceler sua definição sintética acrescentando: “... **pelo respeito à autoridade e crença de cada um**”. Fiel ao seu princípio de liberdade de pensamento, a maçonaria sustenta a necessidade do respeito à opção pessoal de cada um de seus membros no

que se refere a partidos políticos e crenças religiosas. Não poderia ser diferente numa instituição que se propõe contribuir para a fraternidade universal, pois um breve retrospecto histórico nos mostra os tenebrosos efeitos da intolerância, política e religiosa em épocas passadas. Cristãos e pagãos digladiavam-se e mesmo dentro do cristianismo, católicos e protestantes promoveram mortes e atrocidades em nome de Deus. Essa é a origem da proibição de se discutir religião e política em loja, pois todos conhecem a história das lutas fratricidas motivadas por divergências nessas áreas. Esse princípio, contudo, não impede que se comentem aspectos religiosos históricos, ou aspectos místicos e míticos da história dos povos, como cultura geral, não como doutrinação ou ensino maçônico. De modo semelhante, os atos de um cidadão consciente tem em si um componente político essencial, que não pode ser menosprezado. O que se pretende é evitar a transformação da loja em uma tribuna de defesa ou ataque a determinada religião, culto ou partido político, que se pratique o proselitismo, o que negaria aquele princípio fundamental, e acabaria por esfacelar a Instituição.

CONCLUSÃO

Segundo o que foi comentado na seção anterior, analisando a fala do chanceler, no que se refere a programa de aperfeiçoamento, existe uma diferença fundamental entre outras instituições, tais como Religiões, antigas ou modernas Escolas de Mistérios e outras Instituições Filosófico/Religiosas e a Maçonaria. As primeiras propõem o aperfeiçoamento pessoal visando alcançar um estágio transcendente de beatitude, tais como o Céu, Paraíso, Espiritualidade Superior, Nirvana, etc. A Maçonaria, por outro lado, não está interessada no além. Afirma a existência de Deus e a imortalidade da alma, mas nada acrescenta, não desenvolve definições ou doutrinas sobre esses temas. Propõe o aprimoramento pessoal como forma de tornar feliz a humanidade, sendo, portanto, um aperfeiçoamento voltado para o mundo presente — **Aqui, Agora!**

Não existe nessa posição qualquer menosprezo à religião, pelo contrário, a maçonaria reconhece a necessidade de o homem buscar contato com os aspectos transcendentais da existência. Trata-se apenas do reconhecimento de não ser esta sua área de atuação, pois qualquer manifestação sua nessa área cercearia a liberdade de escolha de seus filiados. Assim a maçonaria nada desenvolve no campo de doutrinas religiosas, sendo essa neutralidade fator indispensável para o desenvolvimento da fraternidade e da livre investigação da verdade.

É bastante conhecida a comum a expressão utilizada por maçons decepcionados:

“A MAÇONARIA DE HOJE NÃO FAZ NADA!”

Ora, em primeiro lugar, quem usa esta frase está se colocando fora da instituição e aponta para ela o dedo acusador. O que se espera? Que a “maçonaria”, em um ato de magia transcendente, materialize uma mão mística que comece a atuar no mundo material? As mãos da Maçonaria são as dos seus filiados. Quem usa aquela frase está se declarando inerte, pois onde está um maçom, ali está presente a Maçonaria. Ora, dirão:

Uma andorinha só não faz verão! Verdade.

Mas nada impede que, uma vez verificado a existência de um problema que exige intervenção, vários irmãos se unam para encaminhar as providências necessárias. Maçons podem e devem agir no meio social, individual ou coletivamente, sem, necessariamente usar o nome da loja, como ação de cidadãos visando contribuir para a solução de um problema de seu bairro, cidade, ou mais além. Lembremos: o objetivo da ação maçônica não é o engrandecimento da Maçonaria, mas a contribuição para o crescimento saudável do edifício social.

Muitos maçons cultivam o sonho de participar de um indefinido movimento maçônico amplo e eficaz, direcionado a resolução dos grandes problemas nacionais. Lembram-se de feitos históricos do passado e anseiam em participar de algo semelhante. Vamos examinar alguns exemplos. Existe entre maçons o que chamo de “Ufanismo maçônico” que é a tendência de atribuir os movimentos sociais significativos à atuação maçônica.

É bastante comentada a atuação da maçonaria na independência dos Estados Unidos, onde seu líder máximo, George Washington e muitos outros líderes, Thomas Jeferson e Benjamin Franklin entre eles, eram maçons. Isso é verdade histórica. Não menos verdade, é a presença de maçons no exército britânico, no qual lojas militares existiam⁹. Então, a maçonaria fez a independência dos Estados Unidos, ou a reprimiu?

A Maçonaria foi a responsável pela revolução francesa, dizem outros. Não é bem assim! É verdade que muitos dos intelectuais inspiradores do movimento francês, frequentavam a loja parisiense “Nove Irmãs”, como também é verdade que a maioria das lojas francesas era composta por aristocratas e foram fechadas durante o regime do terror. Muitos maçons foram guilhotinados, inclusive o Grão Mestre do Grande Oriente de França, Felipe de Orleans.

Mas, a Maçonaria brasileira promoveu a independência do Brasil! Novamente, não é bem assim. E verdade que José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim Gonçalves Ledo e muitos outros eram maçons e utilizaram o refúgio da loja Comércio e Artes para tratar sigilosamente da independência do Brasil. O que não costuma ser dito é que o que lhes dava condições de se inteirar desses fatos políticos e deles participar, era que ambos eram membros do Conselho do Imperador e os outros tinham posição de destaque na corte. Se fossem simples maçons, sem ocupar as posições políticas de destaque que ocupavam, não teriam qualquer influência, nem poderiam promover o que foi realizado.

Mas a revolução na farroupilha, Bento Gonçalves era maçom. Verdade. E o líder do exército imperial, Duque de Caxias também. Então, a maçonaria fez a revolução o reprimiu a revolução?

Na verdade, nenhuma das duas opções. A maçonaria, como instituição, não participou de nenhum desses eventos. Maçons, praticando sua liberdade de pensar e expressar seu pen-

⁹ http://nucleodestudosedivulgacaodoritoyork.blogspot.com.br/2012/10/os-macons-ingleses-e-norteamericanos-na_24.html

samento, defenderam seus ideais e lutaram por eles, sendo por vezes encontrados em campos de batalhas opostos.

Parece existir também o sonho de uma Maçonaria toda poderosa, que pudesse chamar a atenção e punir políticos corruptos e os notórios culpados que escapam da justiça comum.

Quem exerceria a justiça nessa poderosa “mafia”, nova versão da medieval Santa Vehme alemã? Homens perfeitos? Seria possível garantir a isenção e idoneidade de um grupo que tivesse tal poder? Felizmente esse tipo de organização poderosa não existe, pois seria outro estado dentro do Estado, e sendo dirigida por homens, com todos seus ideais, capacidades e imperfeições, acabaria por buscar interesses menos nobres, se corrompendo tanto quanto as instituições agora existentes. Sabemos que o poder corrompe e, quanto maior o poder, maior seria a corrupção.

Se esse passo final, de influenciar positivamente a sociedade em escala macroscópica, encontra obstáculos em dado momento histórico, nem por isso a maçonaria se torna inerte, pois nada impede que o trabalho de aperfeiçoamento pessoal e da circunstância imediata de cada um seja realizado.

Quando um homem se aperfeiçoa, a humanidade, nele, foi aprimorada. Se não é possível mudar diretamente a sociedade como um todo, o indivíduo pode mudar e contribuir para mudanças positivas em sua família, e, unido a outros com mesma disposição e propósito, alcançar seu bairro, sua cidade e mesmo além.

É também comum se desenvolver projeções a respeito do que futuro trará para a Instituição maçônica. A Maçonaria se transformará em uma seita místico/esotérica? Um clube de serviços? Irá lentamente se extinguindo? Ou sobreviverá, crescendo e mantendo suas características tradicionais? Existe uma única resposta: A Maçonaria irá para onde nós, maçons a conduzirmos, com nossas ações e com nossas omissões. O futuro mostrará.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, M.C. *“Código de Ética”*. S.Paulo: Negócio Ed., 2002.

COSTA, Frederico G. *A Maçonaria dissecada*. Londrina, A Trolha, 1995

D’ASSAC, Jacques P. *O Segredo da Maçonaria*. Aveiro, Actic, 1984

FAGUNDES, M. C. *Maçonaria: Espírito e Realidade*. Rio de Janeiro, Aurora.

GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho na História*. Nobel/Edusp, 1986.

Is freemasonry still relevant ? http://www.freemasons-freemasonry.com/freemasonry_2006.html (GDE Loja de Israel)

LEPAGE, Marius. *História e Doutrina da Franco-Maçonaria*. São Paulo, Pensamento, 1985.

Hercule Spoladore- <http://blog.msma.com.br/maconaria-passado-presente-e-futuro/>

MELLOR, Alec. *Os Grandes Problemas da Atual Franco-Maçonaria*. São Paulo, Pensamento, 1982.

<http://uniao-prosperidade.blogspot.com.br/2009/03/um-olhar-sobre-o-futuro-da-maconaria.html>